

Sistema bastionado

Em 1699 foi instalada a Aula de Fortificação e Artilharia em Salvador, onde lecionou o Sargento-mor José Antonio Caldas, e em 1735 curso semelhante foi criado no Rio de Janeiro, onde se destacou o ensino de

artilharia ministrado pelo brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim.

Os ideais iluministas defendidos pelo marquês de Pombal fizeram dos engenheiros militares os principais agentes da política de defesa territorial no século XVIII. Em função dos estudos que culminaram no Tratado de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777), inúmeros engenheiros militares foram designados para demarcar os limites desconhecidos do Brasil, construir fortificações, levantar marcos e ocupar o vazio territorial do interior do País. Em 1787 foi criado o Real Corpo de Engenheiros por ato de D. Maria I conforme preconizava Azevedo Fortes em 1729 – embrião da Arma de Engenharia.¹³

NOTAS

1 Sodré, Néelson Werneck. "História Militar do Brasil". Civilização Brasileira, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1968, pp. 14-15.

2 Carta de Luis de Góes, de 12/05/1548, escrita da Villa de Santos a El-Rei D. João III, pedindo-lhe que socorresse urgentemente as capitanias e o litoral do Brasil, para que a Coroa portuguesa não perdesse esta sua conquista americana. "Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo", vol. XLVIII, Arquivo do Estado de S. Paulo, pp. 09-12.

3 "Corpo de arma de algodão" era o escupil, um tipo de dalmática estofada de algodão para a proteção de flechas. Sodré, Nelson Werneck. Op. cit., pp. 20-22.

4 Katinsky, Júlio Roberto – "Monumentos Quinhentistas da Baixada Santista" in Revista USP, nº 41, S. Paulo, Universidade de S. Paulo, 1999, p. 80.

5 "Documentos Históricos (mandados, alvarás, provisões, sesmarias) – 1549-1553", vol. XXXVIII. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, Biblioteca Nacional, 1937, pp. 214-217.

6 "Annaes do Museu Paulista", Documentação Brasileira Seiscentista, Tomo III, São Paulo, 1927, pp. 286-288.

7 Idem, pp. 294-302.

8 Idem, pp. 307-308.

9 Correspondência do Governador de S. Paulo de 16/10/1800. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Vol. LIII, 1956, pp. 443-449.

10 Mendonça de Oliveira, Mário. "Robert Smith e a Engenharia Militar Brasileira" in "Robert C. Smith: "A Investigação na História de Arte", Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000, p. 260.

11 Moreira, Rafael e Araújo, Renata Malcher de. "A Engenharia Militar no Século XVIII e a Ocupação da Amazônia", in "Amazônia Felsinea – Antônio José Landi, Itinerário Artístico e Científico de um Arquitecto Bolonhês na Amazônia do Século XVIII", Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1999, p. 177.

12 A Carta de Baccio de Filicaya foi publicada por Gorrini, Giacomo, "Un viaggiatore italiano nel Brasile" in "Atti del Cong. Di Scienze Storiche", Roma, 1904, x, p. 39, apud. "Gli Italiani nel Brasile", Graphico Paquino Coloniale, S. Paulo, 1922, pp. 70-74.

13 Moreira, Rafael e Araújo, Renata Malcher de. Op. cit., p.181.



AS FORTIFICAÇÕES DO CANAL DA BERTIOGA: FORTES DE SÃO TIAGO OU SÃO JOÃO - SÃO FELIPE - SÃO LUIZ

VICTOR HUGO MORI



Foto montagem do Forte de São João da Bertioga depois da restauração de 1999



Representação esquemática do Forte da Bertioga, segundo Hans Staden

SÉCULOS XVI E XVII

Nas primeiras oito décadas após a chegada de Cabral na Bahia, a política de investimento da Coroa Portuguesa estava centralizada na rota lucrativa do comércio das Índias.

A existência de ouro e prata a oeste da Linha de Tordesilhas, provocou o interesse imediato da Coroa espanhola nos seus novos territórios. A costa brasileira sem esses atrativos imediatos de lucro, foi entregue à administração privada com a implantação do Regime das Capitanias Hereditárias a partir da terceira década.

Foram, portanto, incipientes os investimentos na colonização do Brasil neste período, daí o pouco interesse em se construir “Fortalezas Reais” para proteger o território. Sobre essa época de improvisos e sacrifícios existem poucos registros. As primitivas fortificações provavelmente reduziam-se às

“paliçadas, cercas pontiagudas de paus a pique, atalaias e torres”. Até mesmo os muros de proteção de Salvador na Bahia, construídos por Luís Dias, em 1549, “eram obras de taipa de pilão”, segundo afirma Carlos A. C. Lemos¹.

O envio da Armada de Martim Afonso de Souza, em 1531, tinha como objetivo estratégico a conquista do Rio da Prata. A colonização de São Vicente nos limites meridionais das terras portuguesas era parte importante desta geopolítica voltada ao domínio do Atlântico sul.

Martim Afonso teria chegado ao Canal da Bertioga no dia 22 de janeiro de 1532, denominando o local de “Rio de São Vicente” em homenagem



Mapa das tribos indígenas na Capitania de São Vicente, segundo desenho de Benedito Calixto

ao santo do dia². A seguir, edificou “uma torre para a segurança e defesa dos portugueses no caso de serem atacados pelo gentio da terra. Deu-lhe princípio na mencionada ilha em uma praia estreita no lugar onde existe a Armação de Balêas (...) de madeira e terra”³. Não obstante as inúmeras interpretações históricas sobre a data e o local da chegada da armada portuguesa em São Vicente, a escolha deste sítio para se levantar uma fortificação, não parece aleatória ou desprovida de visão militar, pois durante os próximos 40 anos os grandes conflitos entre os colonizadores e os indígenas contrários tiveram como palco o Canal da Bertioga.

A localidade de *Buriquioca* já era um ponto de constantes conflitos territoriais entre os indígenas do norte (maramomis e tamoios) e os do sul (guaianases e tupiniquins). A aliança inicial firmada entre Martim Afonso

com os guaianases e tupiniquins com intermediação de João Ramalho, um português que já se encontrava na terra casado com uma das filhas do cacique Tibiriçá, – “senhor dos Campos de Piratininga” – foi determinante para se fixar o único ponto fortificado nos primeiros anos.

As primeiras tentativas de se defender o local foram sempre através de obras provisórias, as chamadas “caïçaras” ou paliçadas, conforme descreveu Hans Staden: “uma espécie de fortificação, como os selvagens constroem para se defender dos inimigos”⁴. Eram obras defensivas com o fim exclusivo de proteção dentro dos princípios da “neurobalística”, afinal os indígenas encontravam-se na idade da pedra polida.

O fidalgo Luis de Goes, um dos povoadores que aqui chegaram com Martim Afonso, implorava socorro ao Rei através de uma Carta



Projéteis arremessados pelo tensionamento de cordas (neurobalística), segundo imagem do Atlas de Diogo Homem, c.1558

desesperada datada de 1548: “Mui alto e mui poderoso Senhor, que se com tempo e brevidade vossa Alteza não socorrer a estas capitanias e Costa do Brasil, que ainda que nós percamos as vidas e fazendas vossa Alteza perderá a terra”⁵. Os temores de Luis de Goes eram os franceses aliados com os tamoios, que passaram a atacar a costa da capitania instalando-se posteriormente no Rio de Janeiro.

O “Auto de Proclamação” de 18/01/1550 do Governador Geral Tomé de Souza designou Antonio Adorno como “alcaide-mór da Forta-

leza da Britroga” responsável pelos “armazéns e artilharia dela” e ordenou: “que na dita Fortaleza haja moradores, que a povoem, com que possa estar segura”⁶.

Parece que nada adiantou a formalização deste “Auto”, pois em 1551 a paliçada foi destruída pelos tamoios como descreveu o Pe. Diogo Jácome⁷ aos irmãos jesuítas de Coimbra: “também levaram a artilharia que puderam, e puseram fogo às casas de palha; só uma de telha havia em que se salvaram os feridos de os não levarem”⁸. Era a mesma “caïçara” descrita por Hans Staden e



Conflito entre tupiniquins (aliados dos portugueses) e tupinambás (aliados dos franceses), segundo Hans Staden



Vista do canal do terrapleno do Forte da Bertioga, São Paulo

construída pelos irmãos mamelucos filhos de Diogo de Braga.

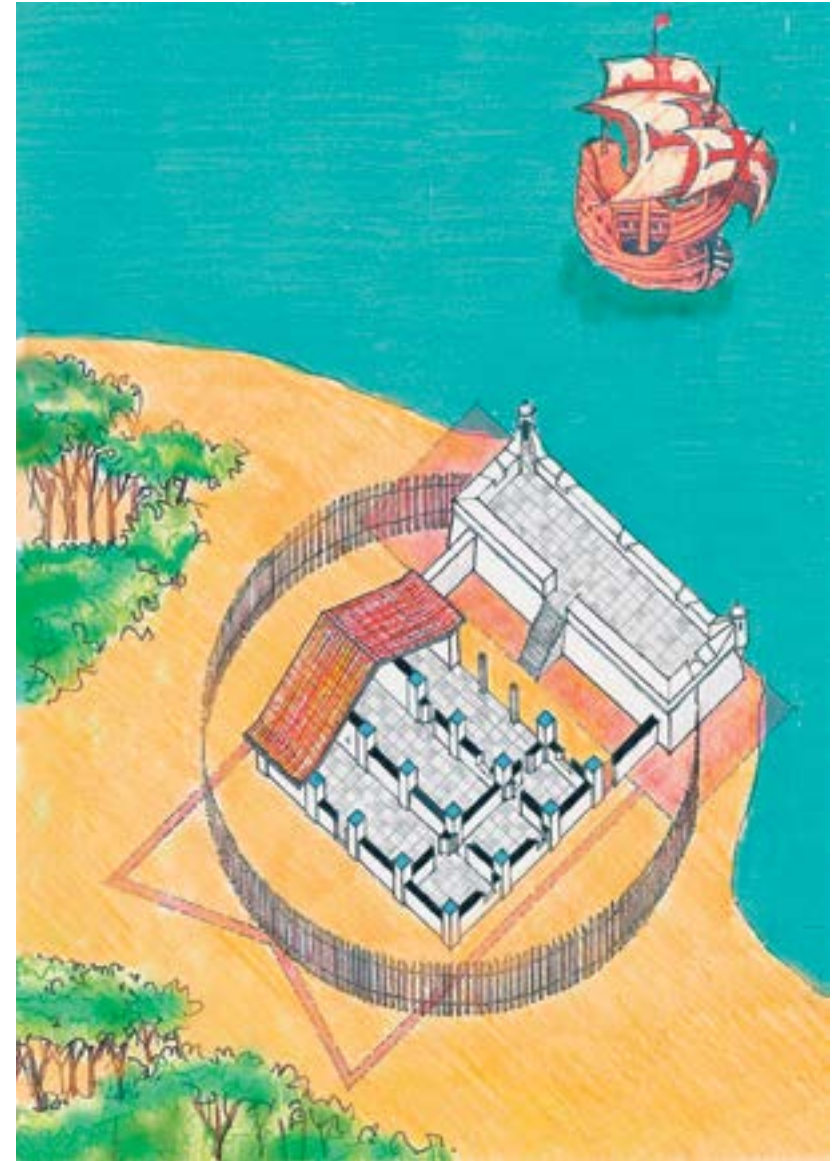
O Alvará Régio de 25/06/1551 de D. João III finalmente deferiu o requerimento tantas vezes suplicado pelos súditos de São Vicente. O Rei ordenou a execução das “obras da fortaleza que a seu requerimento ora mando fazer na terra da bertiogua da dita capitania, até de todo acabada (...) conforme a traça que de cá vai, (...) além do que nela mando despender de minhas rendas e do dito Martim Afonso”⁹. Seria a primeira “Fortaleza Real” com projeto arquitetônico enviado de Portugal nesta costa.

Oito meses após, o donatário Martim Afonso por meio da “Provisão de 08/03/1552” enviava a sua contrapartida para as obras: “Mando a vós Braz Cubas, que ora tendes o cargo de arrecadador minhas rendas, que tenho na dita Capitania, ou a quem tiver o cargo de arrecadar as ditas rendas, que delas deem, e entreguem mil

cruzados a pessoa a que se entregar o dinheiro, que El-Rei nosso Senhor manda dar para a Fortaleza, que se há de fazer na Bertioga”¹⁰.

As obras foram iniciadas no ano seguinte conforme relato do próprio governador Tomé de Souza em carta ao Rei D. João III em 1º/06/1553: “Bertioga que V.^a Alteza mandou fazer, que está cinco léguas de São Vicente, na bôca do Rio por onde os índios lhe faziam muito mal; eu a tinha já mandado fazer da maneira que tinha escrito a V.^a Alteza. A ordenei e acrescentei doutra maneira, que pareceu a todos bem segundo V.^a Alteza verá por este desenho”. Fica subjacente nesta carta que a “traça” da fortaleza enviada pelo Rei, em 1551, foi adaptada e modificada para atender às condições locais e ao novo povoamento que se pretendia reedificar. Era um “baluarte de pedra” conforme descreveu Hans Staden.

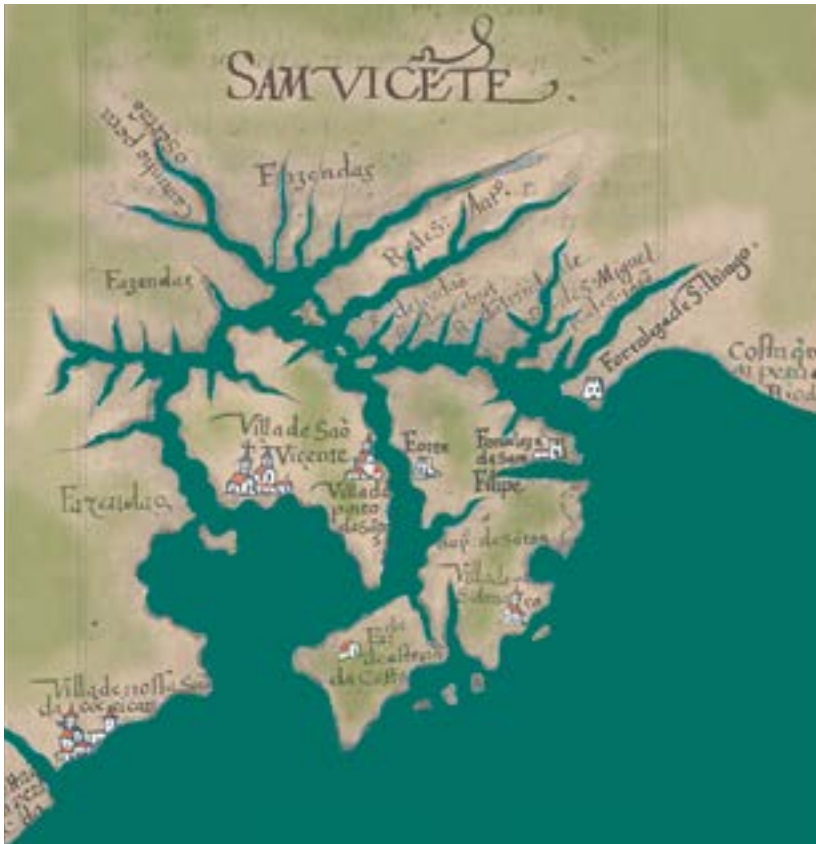
A hipótese mais provável, sobre a adaptação do projeto efetuado



Esquema hipotético do Forte de São Tiago da Bertioga no século XVI. Em vermelho, a projeção do Forte atual. ^{VHM}

por Tomé de Souza, seria que a “traça” enviada de Portugal fora concebida dentro dos novos conceitos renascentistas determinados pelo desenvolvimento da pirobalística. A realidade local vivenciada

pelos Governadores Gerais, onde os indígenas ainda desconheciam a balestra ou a catapulta, o teria levado a construir um “forte de transição”, que defendesse tanto das armas de fogo das naus francesas



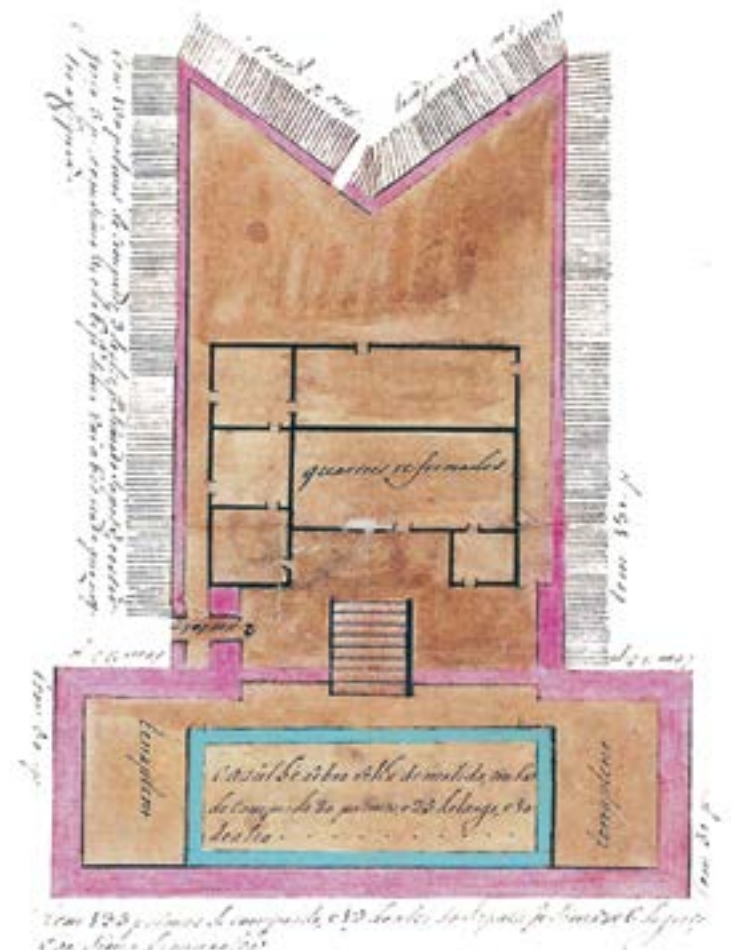
Mapa de São Vicente (1572-1573), mostrando as três primeiras fortificações: S. Thiago, S. São Felipe e Forte Vera Cruz de Itapema. “Roteiro de Todos os Sinais na Costa do Brasil”.

Códice Quinhentista da Biblioteca da Ajuda, Lisboa

como das flechas dos tupinambás (tamoios). Voltada para o canal, a “torre” com suas canhoneiras e guaritas, denunciava o projeto erudito da “cortina horizontal” dentro dos princípios da “pirobalística”. E para o lado da terra firme, uma “estacada dobrada” ou dupla paliçada cercando o alojamento e talvez até mesmo as casas dos povoadores, para se defender do “combate de contato” sempre freqüente dos contrários, dentro dos ditames da neurobalística.

Ainda no ano de 1553, o artilheiro Hans Staden descreveu a execução apenas do “baluarte de pedra” voltado para o canal. A construção ainda inacabada obrigaria a permanência de sua moradia na estacada existente na Ilha de Santo Amaro (Guaibe), onde residia antes da chegada do Governador Geral à Bertioga.

Frei Gaspar em sua “memórias” transcreveu um importante documento, hoje desaparecido, do Livro de Vereações de São Vicente com data de 13/02/1557: “Jorge Ferreira,



Planta da Fortaleza da Bertioga de Luís António de Sá Queiroga AHU

Esse projeto corresponde, grosso modo, ao forte que chegou aos nossos dias.

O retângulo menor em azul (80 x 25 palmos) dentro da plataforma de armas, indica o “baluarte” quinhentista que seria demolido. O primitivo edifício dos quartéis, com seu alpendre reentrante, seria apenas “reformado”

Capitão-mór de ambas as Capitânicas, reedificou a de S. Felipe em Janeiro e Fevereiro de 1557”. No mês de julho deste mesmo ano o condestável do forte de S. Felipe, Paschoal Fernandes, assinou uma escritura de doação de terras “n’esta Casa de pedra, Fortaleza d’ElRey Nosso Senhor, que está da banda do Guaibe defronte da Bertioga”¹¹.

A paliçada onde morou Staden alguns anos após a sua partida, já havia sido substituída por uma “casa-forte” de pedra, enquanto a fortaleza da Bertioga ainda permanecia inacabada.

A rapidez com que o Capitão-mór concluiu a obra de S. Felipe, comparada à de São Tiago onde se empregou recursos reais com

acompanhamento direto do Governador Geral, demonstra que esta “Casa de pedra” deveria ser um projeto modesto destinado a cruzar fogos com a de Bertioga.

Durante anos o condestável Paschoal Fernandes, sua esposa e filhos foram os únicos moradores da Ilha do Guaibe. A “residência fortificada” deveria estar localizada no único sítio plano da ponta da Serra do Guararu onde poderia abrigar pomares e criações – “a praia estreita” onde existiu a paliçada de Martin Afonso e hoje abriga as ruínas da Armação de baleias.

Em 18/03/1560, o Rei D. Sebastião escreveu ao governador Mem de Sá que “a fortaleza da bertioga que está na dita capitania estava por acabar e muito despercebida assim de pólvora, camaras de bombardas como de bombardeiros e outras coisas” e estava enviando por Antônio Adorno as peças de artilharia e pólvora necessárias para “armar” a Fortaleza Real¹².

O Forte denominado de São Tiago, em função do orago da capela da vila anexa, foi portanto, concluído neste ano de 1560. O “Traslado de Nomeação” do Pe. Fernão Carapeto, em 1555 para a “Vigairaria da Igreja de Santiago na Vila da Bertioga”¹³ comprova o santo padroeiro da primitiva Bertioga.

O “Armistício de Iperoig” com os tamoios intermediado pelos jesuítas Nóbrega e Anchieta em 1563, a conversão dos maramomis, e a expulsão dos franceses do Rio

de Janeiro em 1567, transformou estas área de conflitos incessantes em uma região de grande calmaria nos anos que se seguiram. Até mesmo a Vila da Bertioga criada por Tomé de Souza em 1553, através de um ato de força obrigando compulsoriamente seu povoamento, foi desaparecendo uma vez perdida a sua função estratégica de defesa da Capitania contra os tamoios e franceses do litoral norte. O “milagre das luzes celestiais” atribuído à Anchieta na década de 1970 deste primeiro século, presenciado do terraplano da fortaleza por Afonso Gonçalves, genro do comandante, retrata simbolicamente este período de calmaria, independentemente da veracidade da narrativa do padre jesuíta Simão de Vasconcelos¹⁴.

A partir de 1580 com a incorporação de Portugal e suas colônias à coroa espanhola, a costa brasileira ficou exposta aos ataques dos ingleses e holandeses, inimigos da Espanha. A cena destes conflitos foi deslocada para o Canal da Barra Grande que era o principal acesso ao Porto de Santos – principal núcleo da Capitania neste período. A construção da Fortaleza da Barra Grande pelo Almirante espanhol Diogo Flores Valdez, iniciada imediatamente após a expulsão do inglês Edward Fenton do Porto de Santos em 1583, demonstra bem essa mudança e o relativo esquecimento do “Canal da Barra Pequena”.



Na foto à esquerda, proporção atual do Forte S. João da Bertioga conforme obra de Sá e Queiroga em 1751. À direita, a proporção do Forte no séc. XVI

Em janeiro de 1585, o Pe. Fernão Cardim passando pelo Canal da Bertioga assim escreveu: “a fortaleza é cousa formosa, parece-se ao longe com a de Belém e tem outra mais pequena defronte, e ambas se ajudavam uma á outra no tempo das guerras”¹⁵. Essa imagem do Forte de São Tiago vislumbrada após 25 anos de sua conclusão, certamente não se referia a uma paliçada de madeira improvisada. A descrição comparativa, desconhecida a distorção de escala que a distância exagera, parece revelar um “baluarte de pedra” com suas guaritas angulares direcionadas para as águas, semelhante ao forte que ainda hoje marca a paisagem do canal.

Durante o século XVII com a ocupação holandesa em Pernambuco e francesa no Maranhão, a atenção da política de defesa foi voltada exclusivamente para a região nordestina,

afinal os maiores rendimentos da coroa até o início do século seguinte provinham do açúcar ali produzido. A incipiente economia paulista estava centrada no planalto no comércio escravo e aprisionamento de índios. Nesse contexto a proteção do Porto de Santos permaneceu quase inalterada, com as mesmas fortificações construídas no século anterior: os fortes de São Tiago e São Felipe na Bertioga, a Fortaleza de Santo Amaro, a bateria de Vera Cruz no canal da Barra Grande e o reduto da “Praça” ou da Vila de Santos atrás do Colégio dos Jesuítas.

A descoberta do ouro em Minas pelos paulistas em 1698 e o ataque dos espanhóis à colônia portuguesa de Sacramento em 1735, levariam a coroa a reforçar as defesas militares das capitanias do sul no decorrer do século XVIII.

SÉCULOS XVIII E XIX

O Governo português enviou o brigadeiro João Massé entre 1712 e 1714 a Santos, para projetar um sistema de defesa do porto e reformar as instalações militares existentes.

Nas primeiras décadas do século XVIII, considerando a cobiça das “nações estrangeiras e de piratas, pelas boas esperanças que nesta Capitania há de novos descobrimentos” o Governador Rodrigo Cezar Menezes procurou “por na última perfeição a fortaleza da barra da Bertioga” conforme relatou em carta de 20/05/1724. Foi substituída a antiga “estacaria dobrada” de madeira na parte voltada para a terra, por uma moderna tenalha: “porque gastando-se com ela de três em três anos muito perto de quinhentos mil réis com madeira, ultimamente se fez de pedra e cal, com muita regularidade e tudo o mais necessário para a sua boa defesa por um conto setecentos e setenta mil réis”¹⁶.

O brigadeiro Silva Paes enviado pelo Rei D. João V para fortificar o sul do país, esteve na Barra da Bertioga em 1738, e encontrou apenas “aquela bateria, que tem na praia quase toda areada”. O pequeno forte de São Felipe na ilha de Santo Amaro, erguido em 1557 por Jorge Fernandes defronte ao de São Tiago, parece ter desaparecido face ao abandono a que ficou relegado durante todo o século XVII. Até mesmo as denominações dos santos “Tiago e Felipe” ficaram perdidas nas memórias do século XVI.

O Conselho Ultramarino do Rei acatando as determinações de Silva Paes, ordenava que “se devia fazer defronte” ao Forte da Bertioga “na encosta do monte que faz para aquela parte” um fortim para oito peças, conforme o “risco que também vos remete”¹⁷. Este “fortim” estava distante daquela “praia estreita” da ponta da Armação, onde se situava a “Casa de pedra” de São Felipe. O novo sítio escolhido situava-se na encosta íngreme do morro na ponta do canal. Provavelmente por falta de recursos este projeto só seria retomado na segunda metade desse século. As “oito peças” de artilharia devem ter sido colocadas em uma “trincheira” provisória que em um desenho (1751/1769) aparece com a designação de “Estacada de Simão da Vega”. Este precioso desenho mostra também na praia da Fortaleza da Bertioga uma capela alpendrada denominada de “São João”.

O governador da Praça de Santos, Luís Antônio de Sá Queiroga, em 1751, praticamente reedificou a “torre da Bertioga”. A diminuta plataforma de armas quinhentista com cerca de 100 m² (80 x 25 palmos) foi demolida e substituída pela atual com cerca de 250 m². A tenalha voltada para o norte foi elevada para 9 palmos e



Na imagem de cima, o Forte de São Tiago da Bertioga nos séculos XVI e XVII. Provável configuração com o volume do terrapleno demolido em 1751. O edifício dos quartéis ainda permanecia com duas águas e era protegido por uma dupla estacada.

Na imagem de baixo, o Forte no século XVIII. O governador da Praça de Santos, Luís A. Sá e Queiroga, entre 1745 e 1751 substituiu o volume da primitiva bateria por uma nova plataforma de armas, mais ampla que a anterior. Provavelmente foram reaproveitadas as pedras e cantarias das cortinas primitivas. O antigo edifício dos quartéis de planta regular alpendrada foi mantido nas obras do século XVIII. Tratava-se de edificação com apenas 2,20 metros de altura em duas águas, estruturada em pilastras quadrangulares distribuídas segundo uma retícula modulada. A tenalha de pedra e cal foi construída pelo governador Rodrigo C. de Menezes em 1724 substituindo antiga estacada de madeira. O projeto de 1751 pretendia aumentar sua altura, mas parece que nada foi feito.



complementada por uma estacada paralela. O edifício do quartel foi apenas reformado, mantendo-se a estrutura modular quinhentista e sua tipologia *palladiana* de planta retangular e alpendre central.

Por volta de 1769 um maremoto destruiu parte do terrapleno do Forte da Bertioga construído em 1751. A guarita e a cortina voltada para leste foram deslocadas conforme aparece em um desenho da época pertencente a “Coleção Morgado de Mateus” da Biblioteca Nacional. A “Capela de São João” já não aparece neste desenho. Situada na areia da praia deve ter sido destruída pelo mar e o seu orago transferido para o oratório do forte. Ainda neste ano o governador D. Luiz A. de Souza Botelho Mourão (1766-1775), o Morgado de Mateus, ordenou ao Capitão Fernando Leite “*ir á Bertioga eleger o terreno em que se há de delinear a nova Fort.*”¹⁸.

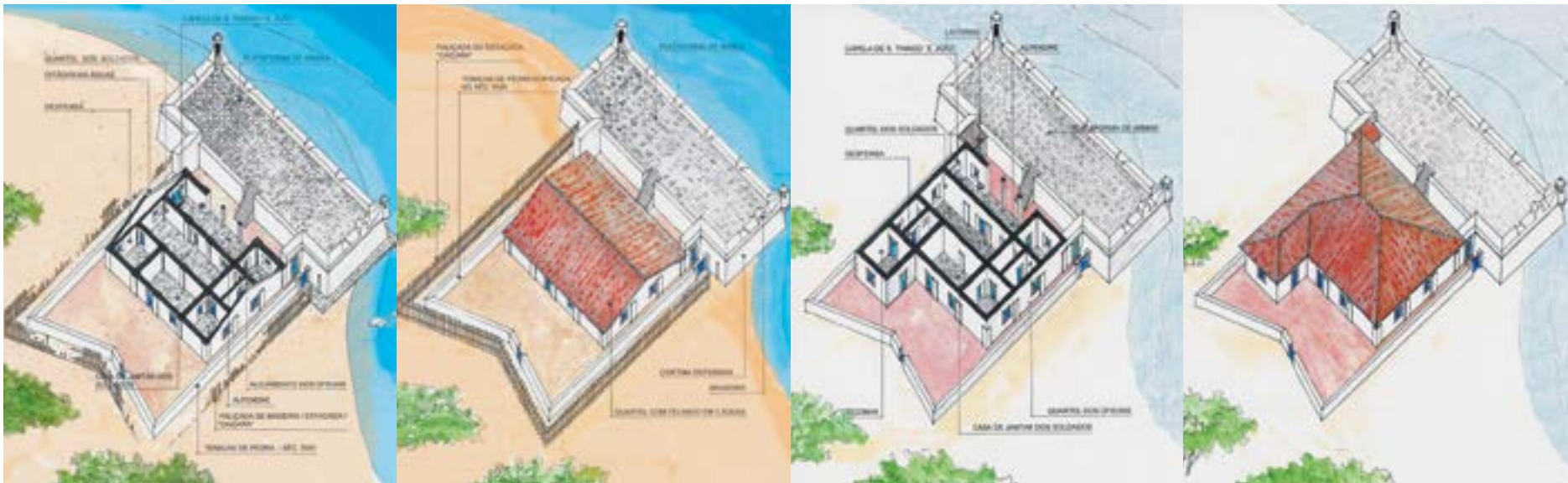
Em janeiro de 1770 o governador escreve que, entre reformar o terrapleno “*que o mar destruiu*” e construir uma nova fortificação, escolheu a segunda opção. Sua justificativa para esta atitude foi: “*porque sucedeu arrasar o mar a Fort^a. da Bertioga, e tenho dado principio a outra no morro, que lhe fica fronteiro, com muita grandeza, a qual desejava poder deixar muito adiantada para poder suprir a falta daquela que se demoliu, e possa dar ocasião a que se dissessem, que se no meu tempo, se acrescentaram umas também se perderam outras, ainda que esta foi sem culpa minha, porque Deus*

assim o determinou”¹⁹. Alguns interpretaram esta alternativa como vaidade pessoal do Capitão-General e a denominação da nova fortificação de “São Luiz” acentuou as suspeitas. Porém os detratores deveriam levar em consideração três fatores nessa escolha: o primeiro seria a proteção da “*armação de baleias*” iniciada à partir de 1748 na “*praia estreita*” do canal do lado de Santo Amaro; o segundo era a melhor localização do ponto escolhido pelo Brigadeiro Silva Paes em 1738, cuja encosta íngreme ao sul e a plataforma natural de rochas sobre a água impediam o desembarque e a tomada do forte pelos inimigos; e o terceiro era a constatação da inadequação do Forte de São João aos novos conceitos de defesa militar “*vaubaniano*”, pois esse não possuía artilharia pelo flanco norte e o desembarque era facilitado pela extensa praia onde se assentava.

O Forte São Luiz apresentava um baluarte semicircular com guaritas nos pontos de deflexão, flanqueado por duas faces em ângulo. Este desenho permitiria que os alinhamentos das artilharias cobrissem “*simultaneamente, a entrada do canal, a enseada fronteira e o mar alto*”, conforme descreveu o engenheiro e escritor Euclides da Cunha²⁰. O projeto de Silva Paes poderia ter servido de base para o novo “*risco*” executado por D. Luiz A. de Souza Mourão, porém as obras deste forte nunca chegaram a se concluir.



Na imagem de cima, Planta da Fortaleza de São Luiz da Bertioga levantada pelo engenheiro militar José Antonio Teixeira (1898) ^{AHE}
Embaixo, visualização aproximada do projeto do Forte no século XVIII ^{VHM}



Forte da Bertioga na segunda metade do século XVIII. VHM

Na virada do século o Inspetor das Milícias constatou que o quartel do Forte São João estava “arruinado” e as sete peças de artilharia estavam “todas desmontadas”, enquanto “o forte de São Luiz, que defende bem a barra e não pode ser atacado por terra, tem capacidade para se lhe fazer uma Casa de Pólvora; os seus quartéis estão principiados e não se fará grande despesas em acabá-los, porém acha-se sem uma só peça”²¹.

Enviado pelo Conde de Palma, em 1817, o engenheiro Rufino José Felizardo e Costa projetou e executou a última grande obra de reforma do Forte São João²².

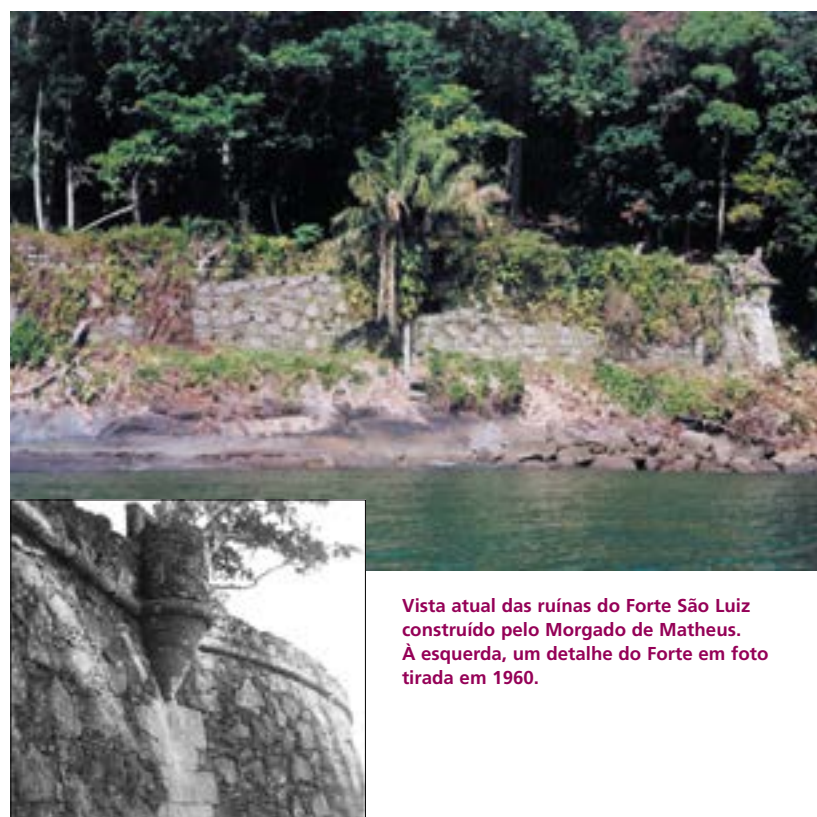
O velho “baluarte da Bertioga” esquecido durante o século XVII e desprezado pelo Morgado de Mateus no século XVIII, na segunda década do XIX tinha apenas para se aproveitar

“as paredes do quartel”, “as muralhas” setecentistas e a tenalha construída pelo governador Rodrigo C. Menezes, “as quais necessitam tão somente de serem emboçadas”. Segundo o engenheiro Rufino: as portas, janelas, portões, estacarias, “carretame das 9 bocas de fogo”, telhado, “enfim tudo quanto é de madeira nem uma serventia pode ter”. Até mesmo o “oratório é o mais indigente que tenho visto, os paramentos para a celebração da Missa estão todos rotos e miseráveis”.

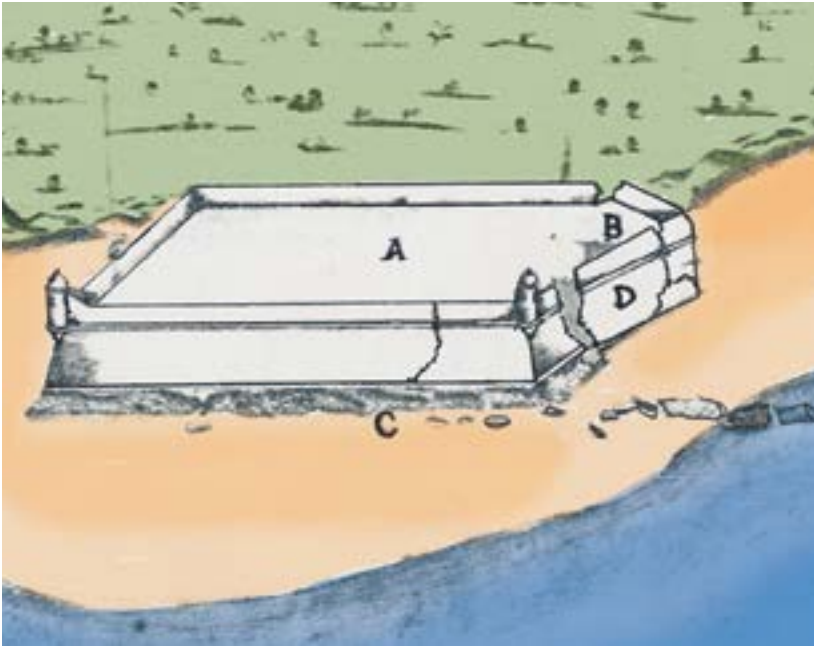
As paredes do quartel foram levantadas em “mais 4 palmos afim de dar as janelas outra altura” e com esta elevação o antigo sistema de cargas pontuais distribuído nas pilastras foi substituído pelas tradicionais paredes portantes.

Alterou-se o antigo desenho do telhado de duas águas “fazendo-se de

Restauração executada pelo IPHAN no Forte São João baseada na obra de Rufino Felizardo e Costa incorporando as modificações ocorridas no século XIX. VHM



Vista atual das ruínas do Forte São Luiz construído pelo Morgado de Matheus. À esquerda, um detalhe do Forte em foto tirada em 1960.



Planta do Forte da Bertioga, da Coleção Morgado de Matheus. ^{BN}
 A- Planta da Fortaleza da Bertioga e terrapleno; B- cavidade; C- contraescarpa que o mar destruiu; D- cortina que desceu de seu lugar por impulso do mar.

tacaniça” ou quatro águas. Acrescentou ainda uma cozinha e uma despensa onde “por cima do vigamento deve ter uma parte assoalhada para guardar as munições de guerra”. A escarpa leste que o maremoto de

1769 havia deslocado deve ter recebido uma leve reforma, pois apenas em 1942 o SPHAN a recolocou no prumo definitivamente.

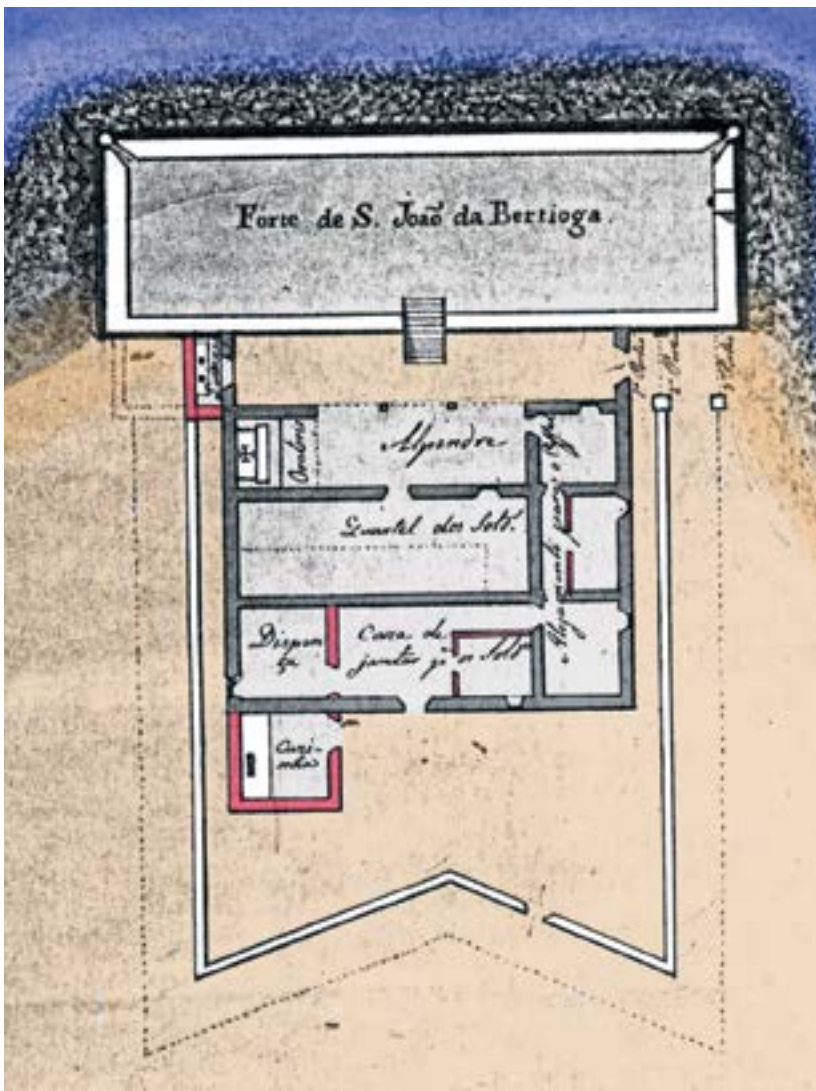
Em 1860, o relatório do Comandante José Olinto de Carvalho



O Forte da Bertioga fotografado durante a ressaca em maio de 2001.



Planta (1751-1769) da Coleção Morgado de Matheus. ^{BN}
 A- Fortaleza da Bertioga; B- estacada dobrada; C- estacada simples; E- Capela de São João; H- praia; M- estacada de Simão da Veiga; N- armação.



Projeto de reforma do Forte de São João da Bertioga de autoria do Engenheiro Rufino Felizardo e Costa de 1817 IPHAN

descrevia que a função do Forte da Bertioga era apenas “de Registro” com “um capitão de infantaria 2ª classe” e “um soldado de linha” e estava desarmado. Quanto a “for-

taleza denominada S. Luis, que é a melhor obra de fortificação que tem a Provª, não está acabada, e por isso em todo desarmada e serve de Casa de pólvora”²³.

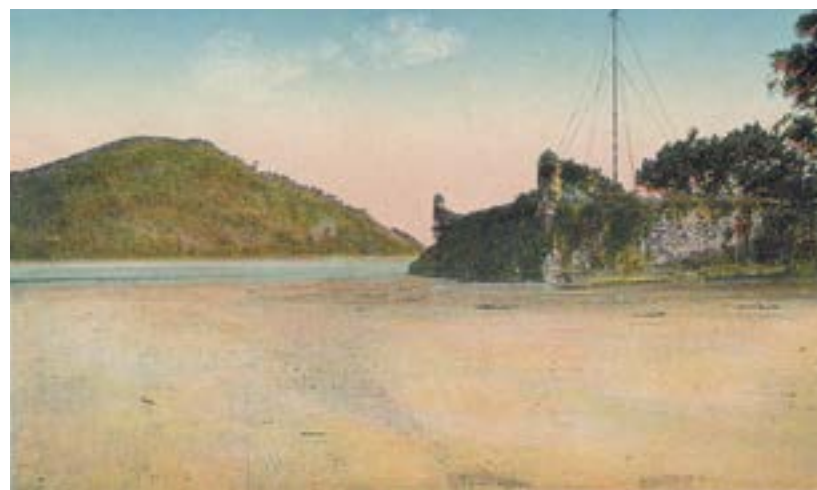
SÉCULO XX

No início do século xx, as fortificações da Barra da Bertioga estavam esquecidas e arruinadas. O espírito desse abandono foi retratado pelo escritor e jornalista Euclides da Cunha.

Visitando o canal da Bertioga em 22/08/1904 o autor de “Os Sertões”, assim descreveu o quartel do Forte São João: “acaçapada e em ruínas – cômodos mal repartidos, sem soalhos e quase sem abrigos sob o telhado levadio que desabou”. Afirmou também que era “aproveitado como um posto de linha costeira do telégrafo nacional, e deve-se a esta circunstância única não ter caído no mais absoluto abandono”. Sobre o Forte São Luiz acrescentou um lamento: “o reduto secular de Hans Staden está hoje em condições deploráveis – invadido de mato, desguarnecido e mal percebido (...) denunciado pelas próprias figueiras-bravas que lhe nasceram por toda a área da plataforma, e

sobre os parapeitos, espalhando as suas longas e tortuosas raízes para toda banda num trançado inextricável”. Finalizou o relatório com o pensamento típico do romantismo da virada do século: “Mas pode-se prever que, afinal com o decorrer dos tempos, cedam as mais sólidas junturas, operando-se a pouco e pouco a demolição inevitável. Quaisquer melhoramentos ou retoques, que se executem, serão contraproducentes, desde que o principal encanto dos dois notáveis monumentos esteja, como de fato está, na mesma vetustez, no aspecto característico que lhe imprimiu o curso das idades”²⁴.

As ruínas abandonadas recobertas pela mata, quase sempre nos dão a impressão de uma antigüidade



Cartão postal de Bertioga do início do século xx. IPHAN



Arco-cruzeiro setecentista da Ermida de Santo Antônio da Armação.

muito além do que a história registra. Inúmeros historiadores tiveram a mesma interpretação de Euclides da Cunha. Vislumbraram nos restos da “inacabada fortaleza setecentista” do Morgado de Matheus, o



Detalhe das pilastras do Engenho dos Erasmos em Santos.

baluarte quinhentista de Hans Staden – “a fortaleza de São Felipe”. Nem mesmo as cortinas escarpadas de pedra do tipo *opus quase reticulatum* existentes, contrariando as alvenarias quinhentistas do tipo *opus incertum* (pedras irregulares), ou o desenho cônico em cantaria das bases das guaritas com as *bolas* em forma de gotas típicas das fortalezas pombalinas, serviram para dissipar o equívoco. O Forte São Luiz foi “rebatizado” de São Felipe²⁵.

O mesmo engano ocorreu com as ruínas monumentais da capela da Armação de baleias do Canal da Bertioga, cujas obras iniciais foram embargadas pelo governador D. Luiz A. de Botelho Mourão no dia 13/04/1766, sendo reiniciada e concluída apenas no último quartel do século XVIII. Incontáveis autores atribuíram ser esta capela a ermida



Primeiro estudo para a reconposição do quartel do Forte São João de autoria de Luís Saia em 1942. IPHAN

quinhentista de Santo Antonio do Guaíbe, construída por José Adorno²⁶. O arco-cruzeiro de cantaria com desenho barroco em curva abatida de raios *tricêntricos* e os vãos com vergas de arco abatido ainda denunciam a igreja setecentista que os documentos históricos atestam.

Muitos autores também imaginaram ser a plataforma de armas setecentista da Bertioga com suas “vigias” angulares, os remanescentes quinhentistas da fortaleza de D. João III. Porém, é no edifício do quartel, tantas vezes reformado, que talvez subsista em parte a história do nosso primeiro século. A sua estrutura modulada através de pilastras de pedra e cal remanescentes, que configurava um sistema inusitado de distribuição de cargas pontuais, possui alguma semelhança técnica com o sistema construtivo empregado nas ruínas quinhentistas do Engenho dos Erasmos, em Santos.

Em 1937, o escritor Mário de Andrade – assistente técnico do recém, criado SPHAN em São Paulo – esteve em Bertioga com o objetivo



“Casa-Caiçara” de pau-à-pique incorporada aos restos do quartel do Forte São João, que foi demolida em 1942 e a construção da residência do caseiro no mesmo local.



O Forte de São João da Bertioga antes das obras de restauração iniciadas em 1997.

VHM

de estudar o tombamento e a restauração do Forte de S. Tiago ou S. João. No seu relatório assim o descreveu: “o forte de S. Tiago é de uma expressão magnífica. No primeiro século defendeu Santos dos Tamoios que vindos do mar, desejariam atacar a vila pelas costas. Hoje é simplesmente gracioso. As suas pedras enérgicas, a sua plataforma de vasta perspectiva, as suas vigias pueris, são duma elegância arquitetônica impecável. O dedo do tempo, que é o maior de todos os feitiços, transformou Hércules na própria Onfale”²⁷.

O tombamento pelo SPHAN aconteceu em 1940, e dois anos após iniciaram-se as obras de restauração das cortinas do terrapleno dirigidas pelo arquiteto Luís Saia. O estrago do maremoto de 1769 foi enfim solucionado. Ainda em 1942, o Ministério da Guerra aproveitando-se de parte do primitivo quartel

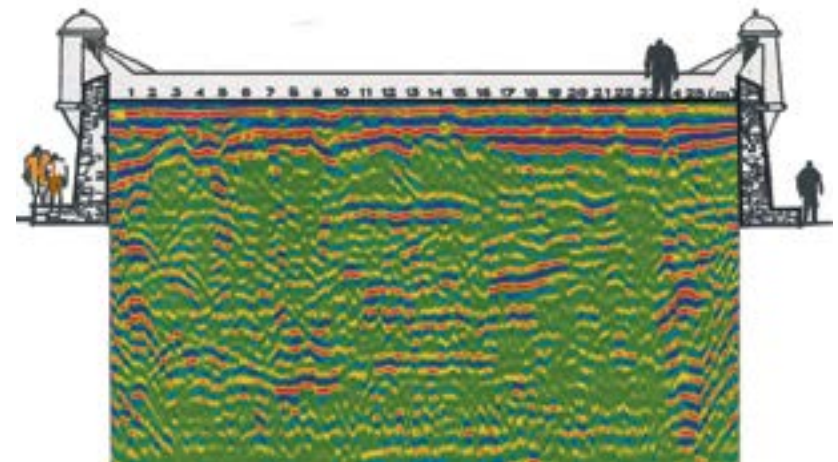


A restauração concluída em 2000 foi baseada na obra do Engenheiro Rufino Felizardo e Costa de 1817. VHM

edificou uma residência com três dormitórios para o zelador do forte, permanecendo o restante das paredes antigas descobertas.

A administração da área ficou com o Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga a partir de 1960. A residência do zelador foi então adap-

tada para abrigar o Museu João Ramalho. Foram executadas algumas “obras arcaizantes” à revelia do IPHAN, como os balaústres *bandeiristas* e um falso altar jesuítico na capela, grades de ferro sugerindo uma antiga prisão no quarto do oficial, a “casa de farinha” e um padrão de



A imagem da pesquisa arqueológica por geo-radar demonstra que o “balauarte” quinhentista foi demolido e suas pedras reaproveitadas na reconstrução de 1751. Trabalho da arqueóloga Marizilda Campos para o IPHAN.



Imagem do quartel do Forte São João após a restauração de 1997-2000.

Martim Afonso no lado externo, tanque de cimento imitando cantaria lavrada, etc. A arquitetura residencial construída em 1942 e adaptada cenograficamente para parecer um “verdadeiro” quartel militar, transformou-se inadvertidamente num falso documento da história.

Quando se iniciou a restauração do forte em 1997 com a demolição do telhado da casa do zelador, mui-

tos protestaram imaginando ser a destruição do “quartel militar colonial”. Reaberto no dia 22/04/2000, o quartel readquiriu a configuração do projeto do engenheiro militar Rufino Felizardo e Costa, incorporando todos os vestígios do edifício primitivo.

“O dedo do tempo que é o maior de todos os feitiços”, transformou a esposa Onfale novamente em Hércules.

NOTAS

1 Lemos, Carlos A. Cerqueira – capítulo “O Brasil”, in “História das Fortificações Portuguesas no Mundo”. - Direção de Rafael Moreira, Publicações Alpha, Lisboa, 1989, pp. 235-254.

2 A versão mais aceita pelos historiadores baseada na Carta de Navegação de Pero Lopes, é que o ano da chegada de M. Afonso à S. Vicente seria 1532. Frei Gaspar da Madre de Deus tinha como hipótese mais provável a data de 22/01/1531. Alonso de Santa Cruz cosmógrafo da armada de Caboto, em “Die Karten von Amerik in dem Islario General” descreve uma povoação já denominada “Sanct Biciente” em 1530, cuja localização no mapa é a mesma da atual São Vicente. Houve o equívoco de dois anos na data ou existiria de fato uma feitoria de S. Vicente antes da fundação oficial da Vila por Martim Afonso, comandada pelo Bacharel de Cananéia.

3 Madre de Deus, Frei Gaspar da - “Memórias para a História da Capitania de S. Vicente”- originalmente publicada em 1797 - Lisboa. Ed. Weiszflog Irmãos, São Paulo / Rio, 1920, p. 131.

4 Staden, Hans – “A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens, encontrados no novo mundo, a América... (1548-1555)” – publicado originalmente em Marburg, 1557. Ed. Atual/Dantes Editora, Rio de Janeiro, 1999, p. 49.

5 “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”. Volume XLVIII, Arquivo do Estado, pp. 09-12.

6 “Documentos Históricos 1549-1559 Provimientos Seculares e Eclesiásticos”. Volume xxxv, Ministério da Educação e Saúde, Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, 1937, pp. 165-166.

7 Alguns autores atribuem a data de 1547 para a destruição da Paliçada dos Irmãos Braga, tomando como referência a frase das memórias de H. Staden: “Cerca de dois anos antes de minha chegada, os cinco irmãos...”. Porém, o termo “minha chegada” deve ser interpretada “a Bertioiga” (1553) e não “a São Vicente”. A Carta do Pe. Diogo Jácome relatando este mesmo conflito em 1551 confirma esta afirmação.

8 Leite, Pe. Serafim. “Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil” (1538-1553). Comissão do Quarto Centenário de S. Paulo, 1954, pp. 238-247. O relato do Pe. Diogo Jácome de S. Vicente sobre a destruição das casas da Bertioiga em 1551, citada por Staden, acrescenta a causa do ataque dos tamoios: “há poucos dias que daqui fugirão duas moças, ambas irmãs e casadas com homens brancos, as quaes ellas sam filhas de homem branco e de india, de maneira que estão ambas com os contrários: as quaes dizem são tam maas, que ordenaram com que os indios vieram a dar aqui guerra a huma fortaleza, que os brancos tem feita pera resguardo das povoações dos brancos, (...) ficaram muyto mal feridos de frechadas, e também levarão a artelharia que puderam, e puseram fogo ás casas de palha; só huma de telha avia em que se salvarão os feridos de os nam levarem. Assi que isto diz que causaram estas molheres maiores diabolidades que nestas terras se fazem...”

9 Este Alvará real pode ser considerado a “certidão de nascimento” da Fortaleza da Bertioiga – “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”. Volume XLVIII, pp. 19-21.

10 Documento transcrito no livro de Madre de Deus, Frei Gaspar. Op. cit., p. 339-340.

11 Escritura transcrita no livro de Madre de Deus, Frei Gaspar. Op. cit., p. 285.

12 “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”. Volume XLVIII, pp. 33-34.

13 “Documentos Históricos 1549-1559 Provimientos Seculares e Eclesiásticos”. Volume xxxv, Ministério da Educação e Saúde, Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, 1937, pp. 312-317.

14 Vasconcelos, Pe. Simão de. “Vida do Venerável Padre José de Anchieta” (publicado originalmente em 1672 / Porto), Imprensa Nacional Rio de Janeiro, 1943, pp. 194-195.

15 Cardim, Pe. Fernão. “Tratados da Terra e Gente do Brasil”. Cia. Editora Nacional, 2ª ed., 1939, pp. 310-315.

16 “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”. Volume xxxii, p. 71, transcrito no livro de Muniz Jr. “Fortes e Fortificações do Litoral Santista”, Editado pelo autor, 1982, Santos, p. 22.

17 Carta régia de D. João V, de 27/09/1738 ao governador da Capitania de São Paulo em parte reproduzindo o relatório do Brigadeiro José da Silva Paes sobre as fortificações da Praça de Santos, e ordenando o cumprimento das determinações e projetos deixados pelo Brigadeiro – cópia arquivo IPHAN – SP

18 “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”, Volume 92, p. 77.

19 “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo”, Volume 92, p. 103.

20 Euclides da Cunha em 1904 passando férias em Indaiá, esteve nos dois fortes da Bertioiga: São João e São Luiz que imaginou tratar-se do São Felipe de Hans Staden. Escreveu um texto denominado “Os Reparos nos Fortes de Bertioiga”, publicado posteriormente em “Euclides da Cunha, Obras Completas, Vol. I”, que incluía um diagrama esquemático da planta do Forte S. Luiz.

21 Documento intitulado “Sobre as fortificações da costa marítima da Capitania de São Paulo” publicado em “Doc. Inter. para a Hist. e Costumes de São Paulo”, Volume XLIV, pp. 303-308.

22 Trata-se do documento de obras mais completo sobre o Forte S. João da Bertioiga disponível nos arquivos. Acompanhado dos desenhos da planta e da elevação, o relatório descreve com

minúcia o estado anterior do forte (1817) e a proposta de alteração. Maço 20/pasta 2/doc. 6 do Arquivo do Estado – cópia arquivo IPHAN.

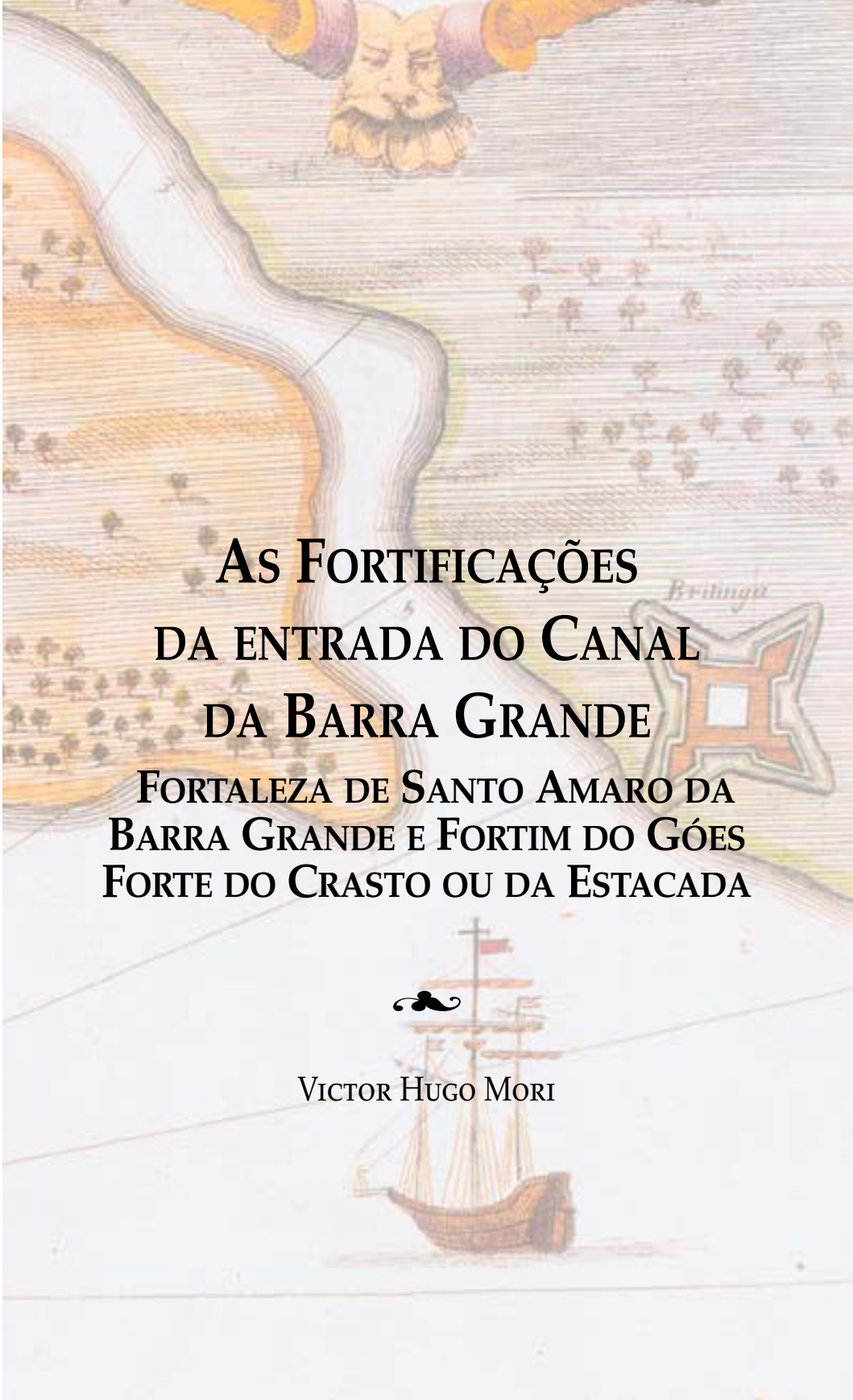
23 Relatório escrito a lápis datado de 1860, assinado O Genal. Come. Mar. José Olinto de Carv^o. e Silva, do Arquivo Histórico do Exército (RJ) com reprodução no Arquivo do IPHAN-SP.

24 Ver nota 20 sobre este relatório de Euclides da Cunha. O “jornalista” E. da Cunha também se manifestou sobre a artilharia inexistente no Forte S. João: “há pouco mais de dois anos, uma comissão de engenheiros militares percorreu este trecho da nossa costa, arrolando aquelas velhas bôças de fogo, que o governo federal parece ter cedido a um contratante pelo preço dos ferros velhos imprestáveis...”

25 O tombamento deste forte pelo IPHAN em 31/10/65 utilizou a denominação “Forte de São Felipe. Em recente trabalho “Monumentos Quinhentistas da Baixada Santista”, do Prof. Júlio Katinsky, publicado na “Revista da USP” n^o 41, 1999, pp. 74-97, o autor interpretou formalmente os restos do Forte de São Luiz, como remanescente da construção quinhentista do Forte S. Felipe, ao encontrar similaridade da sua cortina curva com um provável muro (“barbacã”) de defesa do Engenho dos Erasmos. Segundo o autor seria este forte comparável aos exemplos do Livro de Duarte das Armas (1516). Afonso de Taunay foi um dos poucos autores a afirmar que estas ruínas pertenciam ao Forte de São Luiz: “O Morgado de Matheus (...) ordenara que no local do antigo forte de São Felipe se erguesse novo baluarte que devia ter o nome de seu santo padroeiro: São Luiz”. In “Uma Relíquia Notabilíssima a Conservar: O Forte de São Tiago da Bertioga”, Revista do SPHAN n^o 1, p. 6.

26 Tanto o tombamento do Condephaat como o do IPHAN reiteraram a denominação “Ermida Santo Antonio do Guaibe” na Armação das baleias. A carta do gov. D. Luiz Antônio de Souza de 29/12/1766 ao Conde de Oeyras demonstra claramente que as ruínas atuais foram construídas após o governo do Morgado de Matheus (1768) pelo administrador da Armação Francisco José da Fonseca, pois o próprio governador proibiu a construção de uma nova capela, tendo em vista a existência do oratório da Fortaleza da Bertioga: “...fui fazer visitas na Fabrica da Armação das Baleas da Barra da Bertioga, no dia 10 de março deste ano...advertindo que se determinava fazer huma Capella junto as cazas da dita Armação a prohibi por ser em prejuizo da Fazenda de S. Mag.e...”

27 Relatório do SPHAN de 28/11/1937. Onfale (esposa de Hércules). Mário de Andrade também constatou “uma rachadura de alto à baixo” na cortina sul e a fachada nordeste “está cedendo”, com a guarita “pendendo para terra ameaça ruir” – era o estrago do maremoto de 1769 que ainda não fora de todo solucionado.



AS FORTIFICAÇÕES DA ENTRADA DO CANAL DA BARRA GRANDE FORTALEZA DE SANTO AMARO DA BARRA GRANDE E FORTIM DO GÓES FORTE DO CRASTO OU DA ESTACADA


VICTOR HUGO MORI